



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-rio-que-me-leva/>

O rio que me leva para o outro lado

Priscila Pinto Maisel[1]

RESUMO: Neste ensaio poético destaco o ciclo das águas em palavras e imagens, através de composições digitais, em camadas, de desenhos nascidos das linhas dos rios formadas pela subida e descida das águas. Para tanto, utilizo como referência visual fotografias coletadas de maio de 2022 a dezembro de 2024, assim como mapas e imagens de satélite de um pequeno trecho do Rio Tarumã-Açu, afluente do Rio Negro, que constitui extensa bacia hidrográfica em Manaus. Parto das extremidades, entre a cheia e a seca, para discutir os extremos emocionais e climáticos baseada nas vivências que mesclam lembranças, sonhos e tragédias de quem habita esse lugar mutável. Busco inter-relacionar os conceitos de memória (Andrade), paisagem (Collot), poética amazônica (Paes Loureiro), imaginação das águas (Bachelard), bem como o pensamento de Kopenawa e Krenak sobre a natureza, associado ao conceito principal desenvolvido em minha tese, a poética do serpentear. Nas relações entre micro e macro, rios e veias, vida, morte e renascimento, margens e travessias, as águas dos rios e das chuvas costuram modos de sentir e existir que influenciam ampla cadeia de seres vivos, conectando o visível e o invisível.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Memória. Poética Amazônica. Serpentear. Rio Tarumã-Açu

The river that takes me to the other side

ABSTRACT: In this poetic essay, I highlight the water cycle in words and images, through layered digital compositions of drawings born from the lines of the rivers formed by the rise and fall of the waters. To this end, I use as visual reference photographs collected from May 2022 to December 2024, as well as maps and satellite images of a small stretch of the Tarumã-Açu River, a tributary of



the Rio Negro, which forms an extensive river basin in Manaus. I start from the extremities between the flood and the drought to discuss the emotional and climatic extremes based on the experiences that mix memories, dreams and tragedies of those who inhabit this changeable place. I seek to interrelate the concepts of memory (Andrade), landscape (Collot), Amazonian poetics (Paes Loureiro), imagination of the waters (Bachelard), and Kopenawa and Krenak's thinking on nature, with the main concept developed in my thesis, the poetics of meandering. In the relationships between micro and macro, rivers and veins, life, death and rebirth, banks and crossings, river and rain waters weave together ways of feeling and existing that influence a wide chain of living beings, connecting the visible and the invisible.

KEYWORDS: Landscape. Memory. Amazonian Poetics. To Meander. Tarumã-Açu River

Rio sobre rio

O Rio que me leva para o outro lado é um ensaio poético visual nascido de um devaneio na beira de um trecho do Tarumã-Açu, sendo constituído, além de um poema, por vários conjuntos de imagens poéticas, que se desdobram em outras, num contínuo processo de transformação.

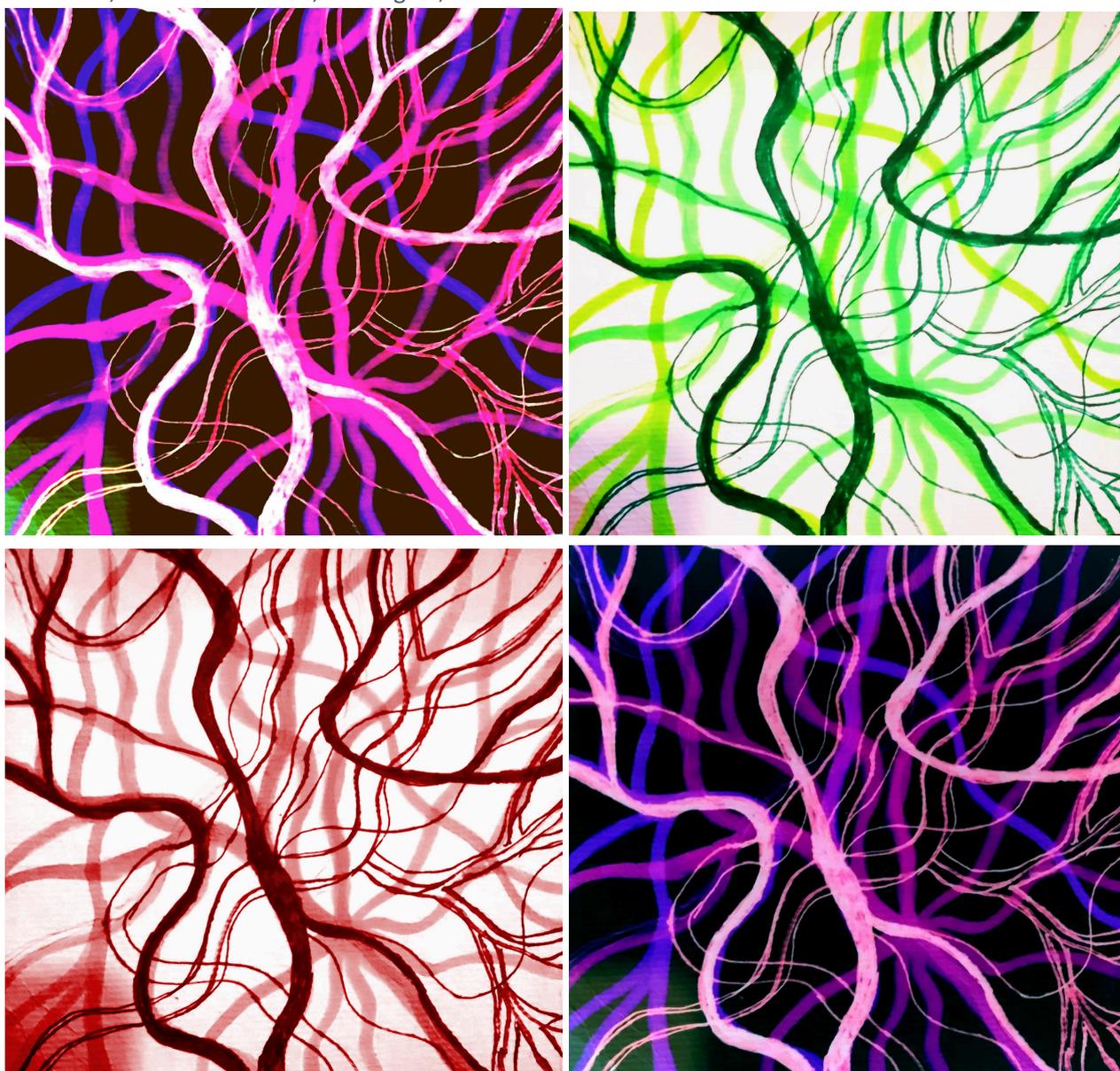
Rio sobre rio, a série de imagens sem título apresentadas neste ensaio poético-visual são composições que se destacam pela sobreposição de linhas de diferentes espessuras, repetição de padrões e relação de continuidade, remetendo à fluidez das águas dos rios e aos momentos vividos que se modificam no fluxo da vida, misturando-se às memórias pessoais e transpessoais.

O processo de construção visual nasce de referenciais fotográficos, mapas e imagens de satélite em diferentes épocas do ano, a partir dos quais desenho rios serpenteantes com canetas coloridas sobre papel, escaneio ou os fotografo; para, em seguida, mudar suas cores e tons com filtros e efeitos do *smartphone*. Às vezes, rotaciono as imagens, repetindo o processo de diferentes maneiras, para, então, combiná-las em grupos e, sucessivamente, criar outros conjuntos.



Assim, a poética do serpentear atravessa os processos simbólicos de minhas criações visuais apresentadas neste ensaio, em sua ligação com as águas, sempre em movimento, como o fluxo contínuo da vida, na passagem pela qual todos passamos, humanos e não humanos, em nossas constantes tentativas de nos reinventar e nos recriar na trama que permeia a existência.

Sem título, série Rio sobre rio, arte digital, 2025



Fonte: Imagem da autora



Sobre a paisagem, as mudanças climáticas e a poética do serpentear

Devido às mudanças climáticas e ao aquecimento global, secas e alagações extremas têm ocorrido de forma mais frequente, entre outros fenômenos que desafiam o equilíbrio ambiental do planeta e transformam sua paisagem. Enquanto o sistema capitalista - e seu consequente consumo desenfreado - enxerga a natureza apenas como fonte de exploração e como recurso, governos buscam soluções técnicas e científicas que, infelizmente, levam mais em consideração o poder da indústria do que o bem estar de todos os povos e seres vivos em igualdade de condições.

Há anos Ailton Krenak (2019) vem nos alertando que é preciso ouvir outras vozes simbólicas e sonhar, possibilitando a coexistência de diferentes cosmovisões nas grandes decisões que afetam a humanidade, enquanto Davi Kopenawa Yanomami (2015) vem nos ensinando, diante do progresso inconsequente e desenfreado aniquilador da natureza, que quando não houver mais nenhum xamã para sustentar o céu, este vai desabar. E, com ele, toda a humanidade.

Para a nossa própria sobrevivência, precisamos ouvir outras vozes e deixar aflorar nossas subjetividades; precisamos aprender novas linguagens para ajudar os xamãs a suspender o céu; necessitamos vivenciar experiências mágicas para ampliar nosso horizonte existencial, conforme sugere Krenak (2019). É fundamental, portanto, voltar-se a diferentes formas de sentir e perceber o mundo, que preguem mais equilíbrio nas inter-relações entre os seres da e na natureza, com a esperança renovada no porvir - ao menos, que se possa atenuar a catástrofe anunciada para as próximas gerações.

Por este motivo, eu me volto à serpente, cujos poderes simbólicos atravessam os planos, ensinando a lidar com a transformação dos tempos passados, presentes e vindouros. A cobra se apresenta como entidade mestra, signo que intermedeia a relação com os elementos da natureza – água, terra, fogo e ar – do visível e do invisível, da forma e do movimento através da linha e do



princípio da criação. Serpentejar é mover-se sinuosamente como as serpentes, fazendo curvas como os rios, ao conectar-se com as forças da natureza que pulsam em suas margens.

Esta entidade mítica possui forte significado na cultura dos povos amazônicos, ao mesmo tempo em que é um arquétipo universal milenar: “a serpente associa-se, em alguns contextos culturais, ao simbolismo ambivalente dos elementos aquático, celeste e terrestre” (Pinto, 2012, p. 200). Por isso, ela é capaz de transmutar e fazer a intermediação entre o céu e a terra num movimento de subida e descida que costura as relações entre os elementos da natureza, ao convidar a chuva a encher novamente os rios e igarapés por onde ela serpenteia. E como outras formas do espírito, manifesta-se para tentar, através do sonho, movimentar as entranhas da terra e do céu na busca por um diálogo fluido entre mundos, apresentando-se, assim, como a senhora protetora das matas e das águas, irmã das raízes e dos cipós, encantarias, mistérios e sonhos.

Ligada às águas, os rios serpentes carregam memórias, conhecem seus caminhos. São memórias ancestrais, de quem cavou a terra e forjou as sinuosidades do seu percurso ao longo de milênios. A esperança é de que tudo que seca, volte a encher com equilíbrio. A cobra tem profundas relações com esse aspecto mnemônico, pois entre o lembrar e o esquecer vão se entrelaçando os aspectos do ser e da vida, no sentido mais amplo, como nos ensina Bernadete Andrade (2021).

Para tanto, precisamos nos atentar de que somos partes desse todo complexo. Paes Loureiro (2019) relaciona a Amazônia a um conceito de imensidão e à existência dos “encantados”, como a cobra grande, que influenciam a visão de mundo de quem vive no ambiente natural da região, na construção de uma poética genuinamente amazônica, atrelada a uma vivência cultural entrelaçada com a natureza. A cultura e a natureza se interconectam nesse processo de criação da paisagem. Não há como separá-las, pois

[...] a paisagem é configurada, ao mesmo tempo, por agentes naturais e por atores humanos em interação constante: é, portanto, uma coprodução da natureza e da cultura em todas as suas manifestações, desde as mais materiais (a começar pela agricultura) até as mais espirituais (pintura e poesia incluídas) (Collot, 2013, p. 43).



Desta maneira, a poética do serpentear, como meu princípio norteador, é minha maneira de interpretar e viver o mundo a partir de movimentos sinuosos, para equilibrar minhas percepções e sensações, na tentativa de deixar fluir, assim como, para apreender significados que vão além da forma e que permeiam os campos visíveis e invisíveis, ao atravessar meu inconsciente e se manifestar através da arte. A paisagem, assim, configura-se como “o lugar de uma troca em duplo sentido entre o eu que se objetiva e o mundo que se interioriza” (Collot, 2013, p. 89).

Sobre minhas vivências com a subida e a descida das águas

Ao observar o curso das águas de pequeno trecho do Rio Tarumã-Açu, nas proximidades de onde moro, pude observar e documentar a subida e a descida das águas durante os extremos da seca e da cheia que afetaram Manaus, entre maio de 2022 e dezembro de 2024. Neste período, coletei imagens fotográficas e vídeos que vêm me servindo de referência para desenhar, pintar, além de criar composições digitais e escrever textos e poemas. Por entre os ciclos da natureza amazônica, as mudanças climáticas afetaram o fluxo da existência dos habitantes do lugar, de todas as espécies, os quais precisaram enfrentar desafios de locomoção, alimentação e saúde, que puseram em risco sua sobrevivência, colocando muitos seres no limiar entre a vida e a morte.

Entre a subida e a descida das águas, sendo eu, a observadora dos fatos vivenciados no meu entorno, enquanto a natureza se transformava drasticamente, passei por altos e baixos internamente, com a perda do meu pai e do meu marido, que faleceram, respectivamente, em setembro de 2023 e novembro de 2024, no decorrer desse processo natural de tantos extremos.

Essa avalanche de sentimentos tornou a paisagem dos meus arredores a experiência mais fenomenológica possível, e fez das águas um lembrete de que tudo passa e se transforma, mesmo carregado de memórias dolorosas. No rasgar do tempo, vamos ressignificando os acontecimentos e até a paisagem, por dentro e por fora, pois esta não existe apenas no exterior, mas é, também, uma expressão de nosso interior.



Para Bachelard, “o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório.” (1989, p.7). A água adentra na seara dos devaneios profundos, sendo um dos elementos mais oníricos da imaginação humana. E, assim, sonhamos à beira de rios, riachos, fontes, que saberiam nossos segredos.

As águas do Tarumã-Açu, nas suas subidas e descidas, acompanharam os meus processos de luto, especialmente pela passagem do meu marido, com quem morei nas proximidades deste rio. Foi nas suas margens que chorei e vi o tempo passar ensinando que, apesar de tudo, precisamos prosseguir, abrindo e fechando ciclos, por entre as secas e as cheias do rio, na busca de um equilíbrio por dentro e por fora, por que a vida continua. E, entre fins e recomeços, seguimos como habitantes deste planeta das águas, para que sejamos parte e todo, e entendamos que não há como viver sem considerar a complexa teia a qual todos estamos conectados.

Sobre o rio que me leva para o outro lado [2]

O rio que me leva para o outro lado,
de repente, eu o vi assim:
como um fiozinho d'água, de quase nada
o fio da vida que, lentamente,
escorreu por entre meus dedos...
E eu senti quando tudo acabou,
eu senti o gosto da morte na minha boca!
E foram tantas quase-mortes ensaiadas
nesses anos todos, meu deus,
que quase não acreditei
quando tudo finalmente secou.
Nosso sonho era morar perto das águas
e fazer do nosso quintal um paraíso verde de delícias...
Nós conseguimos, meu amor!
E vivenciamos os ciclos da natureza bem de pertinho,
por entre as cheias e a secas amazônicas,

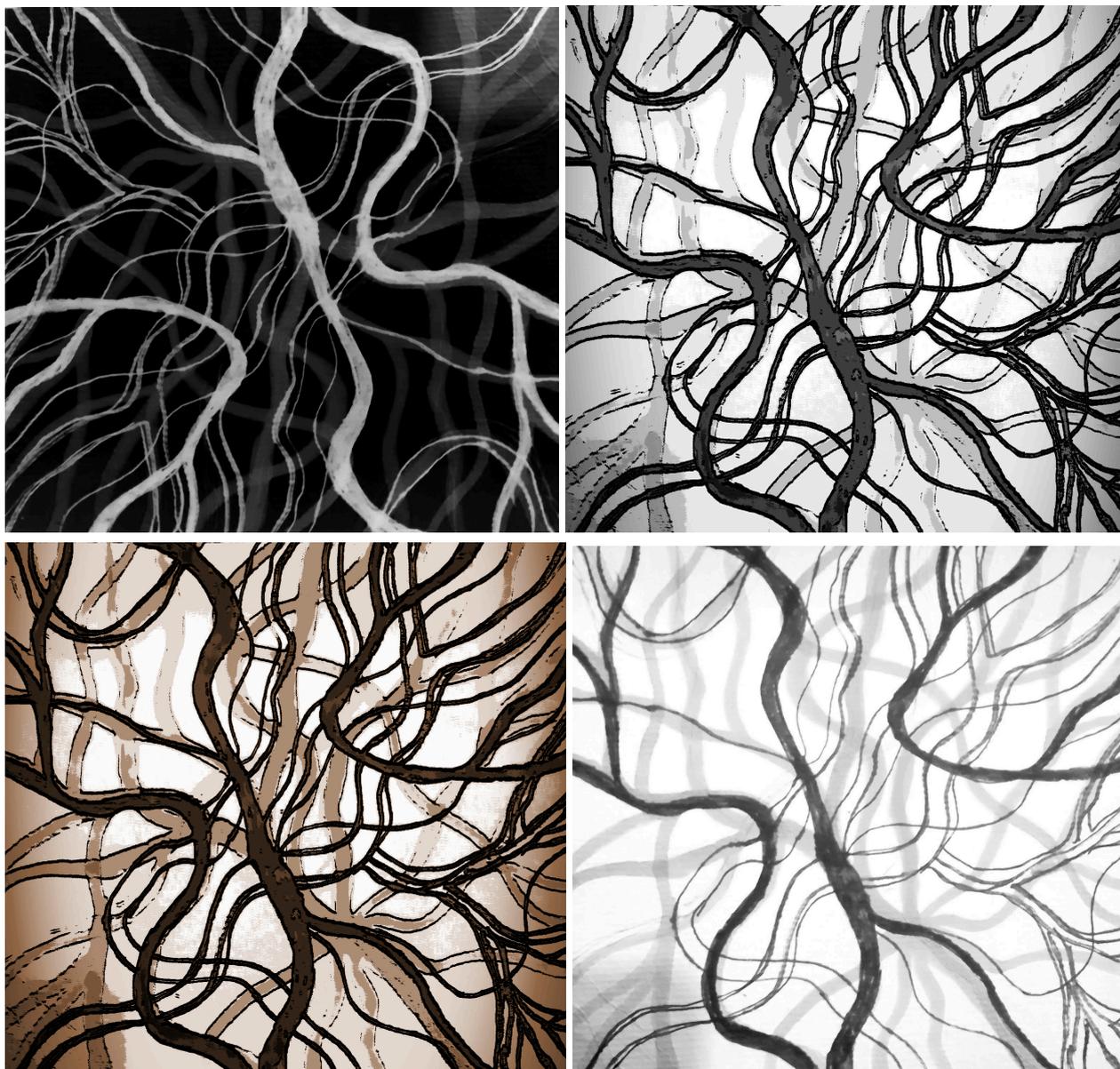


ouvimos os gorjeio dos pássaros ao raiar do sol,
andamos descalços margeando o Tarumã-Açu,
afundamos o os pés na areia úmida
e na lama que arrancava nossas chinelas...
olhamos o sol mergulhar na água no fim do dia,
vimos a água secar secar secar,
até deixar apenas um fiozinho de nada;
vimos a água encher encher encher
até poderem voltar os peixes todos,
e passarem as canoas e voadeiras
levando gente pra cima e pra baixo.
Da janela do fundo da nossa casa,
participamos dessa dança das águas,
saudamos as chuvas em abundância,
comemos as frutas de todas as estações
e caminhamos sentindo a pulsação da vida,
escapando da morte aqui e acolá...
Como tudo, num instante, pode se acabar?!
Ty nesi menya reka - leva-me, rio!
Leva-me para além de onde eu possa enxergar!
E quando suas margens se expandirem novamente,
e esse fiozinho d'água se transformar
- e transbordar mais uma vez -
poderemos voltar a sonhar novamente!
Ah, rio! Não vai mais voltar?
Ser d'água transitório transmutador
rio-serpente que passa sinuosamente,
quem me dera descesse pelas minhas artérias e veias pulsantes,
e toda a água que deságua do meu peito em lágrimas



caísse de mim enchendo suas nascentes!
Leva-me, rio, para bem longe daqui,
para o outro lado onde não consigo alcançar
porque não vejo mais com os olhos mirando o fora,
já que não damos conta nem da imensidão, nem do invisível,
eu fico daqui a sonhar para além do horizonte que enxergo.
Hoje o rio matérico que corre lá fora é sujo e triste,
queria que suas águas renascessem limpas,
frescas como o sopro de uma nova manhã...
Fico, então, a esperar o rio
que vai me levar para o outro lado,
a travessia da existência,
onde escorreremos como as águas,
e correremos juntos, corredeiras,
ao longo das florestas que tanto amamos,
como um único ser que nunca mais irá secar...
(Priscila Pinto, 2025)

Sem título, Série Rio sobre rio, arte digital, 2025



Fonte: Imagem da autora

Bibliografia

ANDRADE, Maria Bernadete Mafra de. **Cidade mítica: uma poética das ruínas ou a cidade vista pelo imaginário do artista**. Manaus: Editora Valer, 2021.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.



KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015. KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.

PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. **Cultura e ontologia no mito da cobra encantada**. Manaus: Edua, 2012.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/06/2025

[1] Artista visual e professora da Universidade Federal do Amazonas, doutoranda pelo PPGAV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: priscilamaisel@ufam.edu.br.

[2] Dedico este poema ao meu marido David Maisel, que amava as águas, os rios e os oceanos.